

# SAUDADE

Outono 2013



**Online:**  
<https://sites.sas.upenn.edu/saudade>

## SAUDADE

University of Pennsylvania  
Department of Romance Languages  
521 Williams Hall  
255 S. 36th Street  
Philadelphia, PA 19104-6305

**Editor:** Professor *Mércia Flannery*  
**Design Editor:** *João Costa*

### **Acknowledgments:**

*Christina Frei*  
*Gledson Bernardelli Pereira*  
*Jay Treat*  
*Kathryn McMahon*  
*Regina Santos*

\* Esse projeto foi financiado com o auxílio de uma Bolsa de Pesquisa do PLC – Penn Language Center – University of Pennsylvania, e com uma Bolsa de incentivo à Pesquisa da School of Arts and Sciences – University of Pennsylvania

# SAUDADE

A Revista de Língua Portuguesa da Universidade de Pensilvânia

Vol. 1 Outono 2013

# MISSÃO

O objetivo desta revista é publicar o trabalho dos estudantes de português, de modo a criar ou viabilizar uma comunidade entre eles. A gênese da publicação foi o próprio interesse dos estudantes da Universidade da Pensilvânia, que sugeriram a criação de um clube de Língua Portuguesa. Este projeto, então, visa a promover e disponibilizar os textos produzidos pelos alunos, com o propósito de torná-los acessíveis a um público mais amplo, dando uma mostra do que estes estudantes já podem produzir em português.

Esperamos que esta revista venha a incluir, no futuro, trabalhos de estudantes de outras instituições. Essa é uma contribuição tanto ao ensino de português como língua estrangeira, como uma tentativa de fortalecer os laços e a troca de ideias entre a comunidade dos estudantes desta língua.

O título da revista foi, também, sugestão dos alunos. Aqueles familiarizados com a língua portuguesa e cultura lusófona preferem acreditar ser a “Saudade” um sentimento eminentemente luso. Gostamos de acreditar que nem “nostalgia”, nem “desejo pelo passado, por algo ou alguém que já não está” conseguem transmitir com exatidão a noção de “saudade” e, em nome dessa singularidade, que é, ao mesmo tempo, uma marca da pluralidade de culturas e de povos de língua portuguesa, decidimos por este título.

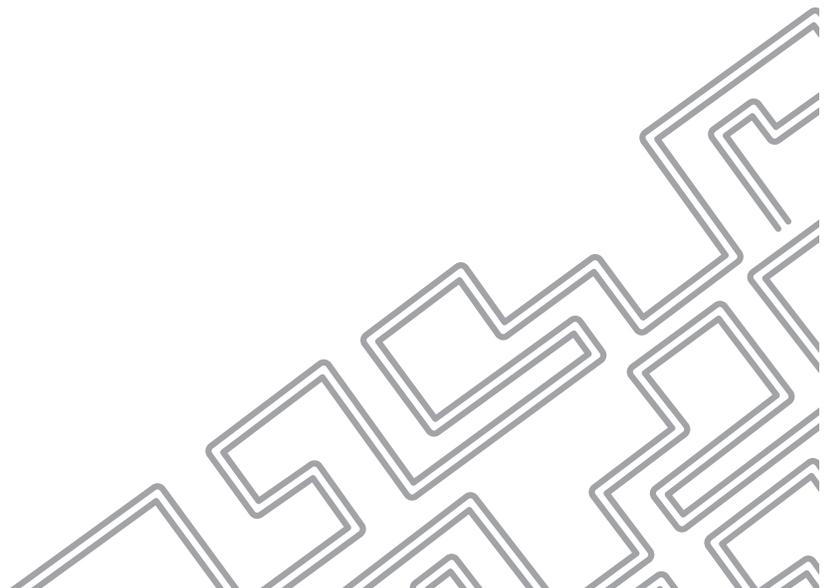


Mércia Flannery  
Editora

# SUMÁRIO

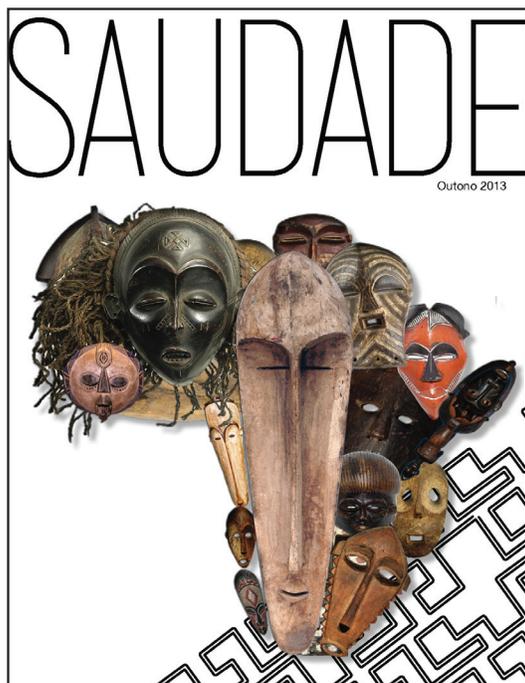
## CONTOS

i	<b>Sobre este volume</b>
01-02	<b>Se eu pudesse falar</b> <i>Joseph Umanzor</i>
03-05	<b>O feiticeiro</b> <i>Alex Tickle</i>
06-08	<b>Estórias</b> <i>Kat Watts</i>
09-11	<b>José</b> <i>Brigid Byrnes</i>
12-13	<b>A menina que fez sua terra chorar</b> <i>Andrea Herrera</i>
14-16	<b>Kitu e os contos do feiticeiro</b> <i>Juliana Schott</i>
17-18	<b>Um conto africano</b> <i>Patrick Plasterer</i>
19-21	<b>À margem do rio</b> <i>Carlos Alonso Torras</i>



# Sobre este volume

**E**m 2011, os alunos do curso de PRTG221, um curso de introdução à cultura lusófona na Universidade da Pensilvânia, leram um volume de contos africanos em língua portuguesa e o romance Terra Sonâmbula de Mia Couto. Como projeto final para o curso, vários alunos optaram por escrever seu próprio conto (e não um ensaio), considerando os elementos comuns nos textos lidos. O resultado foi uma fascinante coleção de contos produzidos pelos alunos do nível avançado e que publicamos neste volume. A maior parte dos contos foi contextualizada no cenário africano, em situações de guerra ou pós guerra imaginadas pelos alunos-autores, descrevendo as dificuldades causadas pelo conflito ou a seca, por exemplo. Esta edição da revista Saudade, então, dedica-se ao componente africano da cultura lusófona.



# SE EU PUDESSE FALAR

Joseph Umazor

Turma de 2012

**S**e eu pudesse falar, eles entenderiam seus erros e encontrariam a solução para seus problemas. Se eu pudesse falar, eles apreciariam cada segundo juntos. Se eu pudesse falar, eles entenderiam que não importa a cor da roupa; só importa a cor do coração. Se eu pudesse falar, eu não seria um brinquedo, uma peça de decoração da casinha. Vivo numa cadeia de solidão, onde a verdade para. E embora tente confessar o que eu sei, as minhas palavras são ignoradas... ou simplesmente estranhas a seus ouvidos...

Confesso que não posso me queixar... minha vida canina não requer muito trabalho. O único que faço é brincar, comer, dormir e fingir que não entendo o que acontece ao meu redor. Meu dono Cláudio sempre me diz que eu sou o melhor amigo do homem. Mas, me pergunto, se eu sou o seu melhor amigo, por que Cláudio ignora quando eu quero dizer algo?

É importante explicar como eu cheguei a esta casa. Cláudio é um senhor de 45 anos casado com uma mulher que não o ama. Provavelmente ela ama mais a mim, já que todos os dias, quando ela volta do trabalho, ela me conta como foi o seu dia. O pobre Cláudio é ignorado completamente; ao menos se sua mulher encontrasse alguma razão para brigar!

Cláudio é um homem desempregado, sem desejo de fazer nada. Quando ele me encontrou, eu tinha três anos de idade. Ele era o oposto do que é agora. Ele trabalhava com um banco nacional muito importante na região da Bahia. Isso foi dois anos atrás.

Dois anos atrás, Cláudio salvou-me do ataque de uns bastardos na minha antiga vizinhança. Desde esse dia, eu prometi ser leal. Cláudio parecia ser incontrolável. Ele era uma das pessoas mais importantes do seu banco. Além disso, ele tinha uma grande sorte com as mulheres. Foi assim que ele conquistou essa mulher que não o ama. Seis meses depois de me salvar, ele se casou e comprou a casa em que moramos e que não podemos mais pagar.

Nossa vidas pareciam perfeitas. Nenhum dia me faltou um prato de comida. Cláudio e sua mulher nunca diziam “não” às aventuras.

Até que um dia, tudo mudou...

Era um dia chuvoso de primavera quando a vida de meu herói precisaria de um herói. Como sempre, Cláudio acordou-se cedo para ir trabalhar. Eu lembro do seu sorriso depois de ler as notícias do jornal na seção de negócios.

– Nós ganhamos na loteria com este negócio. “O Brasil vai se tornar o próximo Estados Unidos” – ele disse à sua mulher. “Com este negócio, nós nos transformaremos em milionários.”

– “Meu amor, você é o melhor!” – ela respondeu.

– “Nunca mais terei que trabalhar.”

Ela não tinha ideia do que Cláudio estava falando. Afinal de contas, ela só estava interessada no dinheiro e em nada mais.

A chuva parou por um momento, e um arco-íris esplêndido apareceu no meio do céu. Para mim, os arco-íris não representam nada. Para mim, o arco-íris é um símbolo falso de esperança. Os arco-íris desvanecem-se com a mesma rapidez que aparecem.

Eu penso que, para Cláudio, o arco-íris era seu amuleto da sorte. Finalmente, Cláudio e sua mulher foram para seus trabalhos. Quando eles chegaram aos seus trabalhos, eles entenderam que não ia ser uma dia normal.

Depois, eu não sei o que aconteceu... tudo o que sei é que depois desse dia, Cláudio não tem sido o mesmo. Ele não procura trabalho ou tenta encontrar a felicidade. Apenas a sua mulher trabalha. Algumas vezes, ela me conta quão miserável foi o seu dia no trabalho e ela também diz que deseja que Cláudio saia da sua casa para sempre.

Se eu pudesse falar, eu diria a Cláudio o que a sua mulher me diz. Eu perguntaria o que aconteceu nesse dia... se eu pudesse falar.

\*\*\*\*\*

O dia parecia perfeito... um pouco chuvoso, mas isso é normal na primavera. As notícias mostravam como a economia havia melhorado no ano passado. Meu banco tinha crescido tanto que nenhum outro banco podia competir conosco. Aquela manhã eu pensei que fosse o melhor dia de minha vida, mas não pensei que era o último dia de minha carreira. No dia anterior, um velho na rua pediu-me dinheiro, mas eu o ignorei. Em resposta, ele me disse:

– “Tenha cuidado com o que faz. Tenha cuidado com onde você vai. Não deixe que um dia ande pelo caminho errados no tempo errado.”

Eu não entendi. Eu preferi seguir meu próprio instinto.

No dia seguinte, meu cão Rex olhou-me como se quisesse dizer que algo estava errado. O arco-íris no meio do céu confirmava que era um bom dia. Finalmente, era hora de ir trabalhar. Minha mulher tinha saído mais cedo.

Quando eu cheguei ao meu trabalho, meu pesadelo começou. Meu supervisor me convidou para uma reunião com os proprietários do meu banco. Durante as semanas anteriores, meus colegas acreditavam que eu seria nomeado como o novo vice-presidente da companhia.

Com um sorriso de orgulho, caminhei para o escritório dos diretores. Quando entrei na sala, minha vida tornou-se um tormento. Os proprietários não estavam felizes ao me ver. Atrás deles, dois agentes da polícia me olhavam muito sérios.

– “Cláudio, não se assuste” – um dos proprietários disse.

– “Com todo o respeito, será que alguém pode me explicar o que está acontecendo?” – eu perguntei ansiosamente.

– “Nós descobrimos que você roubou um milhão de dólares de nosso banco,” – outro dos proprietários, que era meu amigo me disse. – “Convocamos esta reunião para esclarecer este problema.”

– “Do que vocês estão falando?” – eu perguntei.

Então os executivos me explicaram a situação com a qual eu não tinha a ver. No final, eles me deram a opção de renunciar à companhia e devolver o dinheiro. Obviamente, eu não tinha roubado nenhum centavo.

Tive que deixar o trabalho dos meus sonhos.

A polícia iniciou uma investigação intensa. Dias depois, foi concluído que eu não havia feito nada, e que tudo havia sido um mal entendido. Mas eu fiquei traumatizado depois dessa experiência humilhante.

Quando cheguei em casa, minha mulher já sabia o que me havia acontecido. Em vez de tentar me ajudar, ela me deixou no quarto sozinho. Desde então, ela finge que eu não existo. Não me surpreenderia se um dia ela se fosse daqui.

O único que tenho é o Rex... que não entende nada do que eu digo.

Rex, se você pudesse falar, eu te perguntaria qual é a chave para a felicidade. Se você pudesse falar, eu cuidaria melhor do que tenho agora. Se você pudesse falar, eu entenderia a simplicidade de viver em paz, sem querer mais. Se você pudesse falar, eu estaria livre desta solidão e não moraria com esta mulher que não me ama. Se você pudesse falar, eu saberia... o que eu saberia?

\*\*\*\*\*

Eu gosto dos dias chuvosos, especialmente dos dias com arco-íris, porque são de sorte para aqueles que não entendem a realidade. Eu saí do meu trabalho cedo e voltei para casa para falar com você, Rex. Eu sei que você ama o Cláudio mais que a mim. No final das contas, estou aqui pelo dinheiro.

Hoje consegui o trabalho dos meus sonhos. Eu sou a nova presidente do banco onde Cláudio trabalhava. Ao mesmo tempo, Cláudio perdeu seu trabalho, graças a mim. Eu sei que você pensa que eu não tenho coração, mas Cláudio merece isso.

Quando estava na escola secundária, Cláudio destruiu-me psicologicamente. Eu o amava, mas ele só brincou com o meu coração. Ele não lembra do que fez, mas ele está pagando.

Oh Rex, se você pudesse falar, minha vida mudaria. Se você pudesse falar, você já não moraria conosco.

# O FEITICEIRO

Alex Tickle  
Turma de 2012

Todos os velhos dizem que o meu nascimento foi um ato dos espíritos. A minha mãe morreu dando a luz, e isto prova que eu sou ilegítimo. Ninguém me disse nada até que me tornei homem, em um pequeno campo no meio do mato. Todos os meninos da minha aldeia se tornam homens ao mesmo tempo, sob a direção do velho feiticeiro. Ele era alto, mas magro. Tinha a pele mais negra do que a noite e usava uma pele de leão. Seu rosto era pintado vermelho escuro, com o barro apanhado do leite do rio. E sobre sua cabeça estava um cocar de penas brilhantes. Ele sempre falava com voz rouca. E havia tantas regras. Por dias inteiros, os meninos e eu não comemos nada e só bebemos um misterioso suco amargo que fez a minha garganta queimar. Eu tinha medo, mas não disse nada para ninguém.

Fiquei com ainda mais medo quando, no último dia antes de iniciação, o velho feiticeiro me levou para fora do campo. Nós caminhamos até uma grande árvore que parecia um monstro. O mato era tão denso ali que a luz não conseguia entrar. Nós ficamos nas trevas sem falar. Eventualmente, ele decidiu que tínhamos esperado por bastante tempo e começou a falar.

“Nhambane, está na hora de te contar a verdade sobre teu nascimento,” ele disse lentamente. “O seu pai verdadeiro está morto. Os espíritos mataram-no com a sua mãe, porque eles não respeitavam as regras de casamento do nosso povo, o shangaan. Mpuma não é seu pai, ele foi traído pela sua mãe. Você é filho de pecado.”

Eu ainda era jovem e fiquei confuso. Comecei a chorar, mas o feiticeiro agarrou a minha mão. “Não chore, não. Você ainda tem um pai. Você só tem que procurá-lo. Foi ele que salvou a sua vida.”

Fiquei ainda mais confuso. “Mas o senhor me disse que ele morreu!”

“Os espíritos que mataram os seus pais, eles te salvaram também. Você estava pertinho da morte, mais ainda vivia. Existe alguém lá fora que você pode chamar de pai,” ele apontou para o fundo escuro do mato. “E você tem que encontrá-lo.”

Quando voltei à minha aldeia como homem, já

havia me esquecido das palavras do feiticeiro. Eu e os outros homens jovens entramos na aldeia carregando nossos escudos novos, feitos por nós mesmos de madeira sagrada. Eu estava cheio de orgulho. E Mpuma, a quem eu amava como pai, estava orgulhoso de mim. Ele sorriu quando me viu.

“Meu filho, agora você é homem. Em breve, você vai escolher uma mulher e ter a sua própria família. Mas até então, você vai tomar conta do meu rebanho de vacas. Não se esqueça que as vacas não são como as cabras que os meninos levam para o pasto. As vacas são valiosas, então têm que ser protegidas dos atacantes Xhosa. Portanto, eu te dou a minha lança.”

Ele revelou a lança que estava atrás de si. Fiquei estupefato. Era maravilhosa. Eu a levantei para dar uma olhada. O eixo era forte e pesado. A madeira era de um tipo de árvore que só cresce no fundo do mato. Diz-se que esta madeira é protegida pelos espíritos e nunca vai quebrar. Eu passei as minhas mãos ao longo do eixo até a lâmina de ferro, que se pode encontrar nas aldeias do litoral. A ponta era bem afiada. Com a lança nas mãos, eu me sentia poderoso.

“Obrigado, pai,” eu disse e sorri. Agora que eu sabia que ele não era o meu pai, eu o amava ainda mais.

“Vá para o campo! O rebanho está aguardando você. Tenha cuidado, filho,” Mpuma acenou.

Muito tempo passou. Eu ainda não tinha mulher e continuava a tomar conta do rebanho de meu pai. O trabalho era chato. Cada dia, eu me levantava bem cedo para levar as vacas ao pasto. Fazia tanto frio de manhã. Cada dia, eu olhava a cara de cada vaca que passava pelo curral para verificar se todas estavam presentes. Eu dei um nome para cada uma delas. Mas elas não tinham personalidades. Não pensavam em nada. Quando eu tocava em uma delas, não sentia a presença espiritual dela. Elas eram completamente vazias, portanto eu me sentia sozinho.

Diariamente, o sol nascia quando eu e o meu rebanho subíamos o morro no caminho para o pasto. Isto era o único prazer do meu trabalho, o nascer do sol. Nossa terra era uma beleza. O campo ficava dourado sob os primeiros raios do sol. Cada manhã, a

terra se levantava comigo. Eu sentia a respiração dela como um vento em cima dos morros. Eu ouvia o rio correndo lá em baixo. Mas, eventualmente, eu sempre tinha que descer o morro.

Eu gostava da companhia do meu amigo, Kfene, que se tornou homem ao mesmo tempo que eu. Ele também levava o rebanho do seu pai ao pasto, e o pasto dele ficava ao lado do meu. Ele sempre era bem calado, mas falávamos um pouco cada dia. Ele também achou a vida pastoral um pouco chata.

“Nhambane, quando é que você vai casar?”

Suspirei. “Discutimos isto todos os dias Kfene. Já disse, não sei. Você sabe como é, Mpuma precisa de mim para guardar o seu rebanho. Eu sou o único filho dele, porque ele não casou de novo quando a minha mãe morreu. A seca no ano passado quase nos arruinou. Um quarto do nosso rebanho morreu de fome e um outro quatro morreu de peste.”

Ele hesitou, pensando. “O meu pai perdeu muitas vacas também. Sei que as coisas vão melhorar, quero casar com essa garota da aldeia ao norte, você se lembra dela?”

“Sim, eu lembro.” Lembro também que ela era filha do chefe. Kfene não era bastante rico. “Ela é linda.”

“No mês que vem, no mês que vem. Eu vou casar com ela, juro que vou,” ele sempre dizia, olhando para o horizonte, perdido em seus sonhos.

E assim era. Cada dia tínhamos a mesma conversa. Mas a vida não melhorou. Na verdade, piorou quando os brancos do litoral chegaram à nossa aldeia. Sempre havia notícias de homens brancos ao leste, e alguns dos mais aventureiros conseguiram vê-los com os seus próprios olhos. Mas os brancos nunca chegaram tão perto daqui. Toda a aldeia estava com medo. Os velhos tinham memórias das guerras passadas contra os brancos.

Então a vida ficou um pouco mais interessante. Um dia, alguns brancos usando as vestes pretas vieram à periferia da minha aldeia e começaram a construir alguma coisa estranha. O nosso chefe foi falar com as vestes pretas. Eu assistia com Kfene de cima do morro quando o chefe se aproximou, devagar. Os brancos de vestes pretas pareciam amigos, e quando o chefe voltou para falar com o seu povo, disse que eles estavam construindo um lugar sagrado.

Nas semanas seguintes, os brancos acabaram com a sua construção e nos convidaram para celebrar. Nós entramos no lugar, mas os brancos ficaram com raiva quando dançamos dentro dele. Eu e Kfene voltamos aos nossos pastos. Depois o chefe se desculpou.

Um dia, Kfene matou um Xhosa que tentou roubar uma das vacas do seu rebanho. Eu não estava lá, então não vi nada. Kfene foi ferido no ataque, e foi levado para a casa de seu pai para se recuperar. Visitei-o.

“Kfene, o que é que aconteceu?”

“Vou te contar tudo. De manhã, eu estava

subindo o morro com as minhas vacas quando ouvi o grito de guerra dos Xhosa. Corri ao topo do morro para ver onde estavam os meus inimigos. Avistei três guerreiros correndo para mim, gritando. Sem pensar, joguei a minha lança ao líder deles, cujo corpo estava completamente coberto em barro vermelho. Mas isto não o protegia. A lança atingiu o peito dele e ele foi morto imediatamente. Eu desci o morro, gritando e sacudindo o meu escudo. Os outros dois ficaram juntos, e eu os ataquei com a minha espada.”

“Onde é que você conseguiu uma espada?” eu interrompi. A espada não é uma arma shangaan, é dos zulu.

“Os brancos venderam uma para o meu tio, mas ele morreu.”

“Ah, continue.”

“Um dos Xhosa me apunhalou no braço, mas eu não caí. Ataquei-os de novo e eles jogaram as suas lanças no chão e fugiram.” Kfene lutou com bravura e ganhou o respeito da aldeia. Mas agora estava gravemente ferido. Eu não sabia ajudá-lo. Logo, um velho entrou na casa dele e eu o reconheci. Era o mesmo feiticeiro que me disse a verdade sobre o meu pai tantos anos passados. Ele parecia ainda mais velho e fraco. O feiticeiro levou Kfene da sua cama e o fez caminhar até um círculo de ramos construído no meio da aldeia. Kfene deitou no meio do círculo.

O feiticeiro começou a cantar, primeiro em voz baixa, mas com cada segundo a sua voz ficava mais alta. Ele fechou os olhos e levantou os braços acima da cabeça. O povo formava um círculo maior além dos ramos e repetia o canto do velho feiticeiro. Eu repetia o canto também. Kfene parecia inconsciente.

De repente, os brancos de vestes pretas chegaram. Um deles me empurrou e entrou no círculo. Eu caí no chão. Vi o branco gritando com o feiticeiro, mas o feiticeiro continuava como se o branco não estivesse lá. O branco ficou furioso, mas em vez de parar o velho feiticeiro cantou mais alto. O branco tomou um dos ramos e bateu no feiticeiro, e ele caiu.

Mas o branco não parou de bater nele. Todos nós hesitamos, porque tínhamos medo do poder dos brancos. Finalmente, o branco acabou e deixou o feiticeiro quase morto ao lado de Kfene. Nesta noite, o feiticeiro morreu e, na semana seguinte, Kfene morreu também.

A morte do feiticeiro me fez lembrar das palavras dele. Eu ainda tinha que encontrar o meu pai. Eu pensava nisto o dia inteiro, mas não tive nenhuma ideia útil. Nessa noite, ouvi os tambores nos meus sonhos. Era um som profundo que ficava ainda mais poderoso. Finalmente, eu acordei, mas ainda ouvi os tambores. Fiquei confuso e saí de casa. O som vinha do mato. Eu não queria investigá-lo, mas o som não parava, então não pude dormir de novo. Acendi uma tocha e segui os tambores misteriosos. A noite era um abismo negro que consumia a luz da minha tocha. Cheguei à beira do mato e vi árvores gigantescas guardando o caminho. Quando entrei no mato, o som

se tornou mais alto, e eu podia sentir as vibrações se movendo por meu corpo.

Eu corria pelo mato com a tocha na mão. Não podia ver nada, fui guiado só pelos ouvidos. Eu comecei a voar pelo mato, mais e mais rapidamente. Eu não sentia mais meu corpo. E, subitamente, entrei em um grande campo cercado pelo mato escuro. Ali, naquele campo escondido, uma luz fraca atingia a terra. Eu podia ver tudo neste mundo estranho.

Avistei uma árvore colossal no meio do campo, que se estende por longas distâncias em cada direção. Nada mais existia no campo, só uma grama alta. O som dos tambores vinha desta árvore, então eu caminhei para ela. A luz ficou mais brilhante e listras de cores voavam pelo céu. Quando os meus olhos voltaram à terra, vi um leão dourado sob o abrigo da árvore. Fiquei com medo, mas não pude parar. Eu continuava a seguir os tambores, que pareciam vir de dentro do leão.

O leão rugiu e os tambores pararam. Eu estava bem perto dele. Ele se aproximou de mim até que nós estávamos quase nos tocando. A sua respiração encheu o ar, e eu respirei profundamente. Senti o calor dele entrando no fundo do meu corpo. De repente, milhares de árvores cresceram no campo. Animais surgiram e brincavam entre si. Toda a criação estava cheia de vida, cheia de espíritos. Eu podia ouvir estes espíritos, mas o mais poderoso era o do leão.

“Bem-vindo, Nhambane.”

Eu não podia responder, eu só conseguia olhar. Mas, no fim, eu tive que perguntar.

“O senhor é o meu pai?”

“Eu sou pai de tudo. Você não é o meu único filho. Eu tomo conta dos meus filhos com cuidado, e você deve tomar cuidado com os seus irmãos e irmãs. Agora você está vendo o mundo como era, como é e como sempre será. Eu te salvei para trazer esta visão ao seu povo.”

Eu não disse nada, só olhava os olhos do leão, que pareciam familiares. Eles mudaram de cor, primeiro tornaram-se azuis e depois laranjas como o fogo. Ele levantou a cabeça e berrou ao céu. Quando respirou de novo, inalou uma estria de cor que estava dançando pelo ar.

Subitamente, eu podia ver dentro dele, e reconheci alguma coisa estranha e familiar. Era o feiticeiro! Ouvi os cantos falados em sua voz rouca e senti o poder dele. Neste momento, eu percebi o que tinha que fazer. O leão apontou para o mato, e eu entendi. Os tambores começaram de novo e eu sabia que o som vinha da casa do feiticeiro. Eu agradei ao leão e caminhei para a minha aldeia. A luz desapareceu e as trevas voaram. Mas nunca mais eu precisaria de guia porque eu conhecia o caminho, como o feiticeiro conhecia.

# ESTÓRIAS

*Kat Watts*

Turma de 2013

Quando ela era pequena, sua mãe lhe deu o nome Olívia, sem pensar muito sobre o assunto. Assim era, naqueles tempos; ela não era filho, não era importante para seus pais, alguém para ajudar a família a ganhar dinheiro, trabalhando.

Por um tempo, ela ia para a escola, sem conhecer muitas pessoas. Ela era muito calada; preferia se sentar num canto da sala, longe de todos, porque ela temia todos, especialmente os miúdos, pequenos diabos que eram. Na aula sempre havia tanto ruído e tanta desordem que a professora nunca conseguia controlar os alunos. Olívia ouviu os miúdos, afirmando que a professora não sabia controlá-los, porque ela era mulher, e era óbvio que não poderia controlar homens quando era inferior.

Essa professora durou apenas três anos. Substituíram-na por um professor bravo; quase parecia militar. Então, pobrezinha, além dos companheiros de aula, Olívia era intimidada pelo professor também. Ele ameaçava os alunos todo dia, e acabou se esquecendo de ensinar-lhes o material, porque não havia bastante tempo no dia para seus castigos e para aprender. Depois de só um ano de sofrimento, ela era grata por ter passado a idade de ir para a escola e sua mãe não a ter deixado ir.

Infelizmente, isto significou que ela ficou presa em casa. Não gostou deste fato nem um pouco, porque era incrivelmente maçante ficar sempre em casa. Para escapar, ela se fez amiga de um cachorro que morava na casa vizinha. Mas sua mãe descobriu e reclamou – Aquilo não era comportamento adequado para uma boa filha. Imagina! Brincar com aqueles animais sujos e depois preparar comida?! Que nojo!

Depois desse episódio, sua mãe supervisionava-a toda hora. Olívia aprendeu a ficar quieta, em casa, a ajudar sua mãe na cozinha, e principalmente a não se meter em coisas de homem.

Não era uma vida muito interessante, e se não fosse por seu irmão, ela não duvidava que tivesse feito algo extremo.

Quando seu irmão Gustavo, que, aos olhos dos pais, não poderia fazer nada errado, pediu para ficar parte do dia com ela, sua mãe sempre a libertava.

Estariam a explorar a aldeia. Ele contava sobre o que descobria, sobre os amigos e os sonhos. Falavam de onde ele trabalhava. Ele disse que gostava daquela finca, da família portuguesa e especialmente dos livros. Ele trabalhava na casa deles, mas, às vezes, passava pelos quartos e sentava um tempo a ler. Olívia não sabia como ele aprendeu a ler, mas suspeitava que alguém na casa grande o tivesse ensinado. Ele vez em quando falava de um professor que visitava os filhos dos portugueses; talvez fosse ele que reconheceu como Gustavo era brilhante, e decidiu cultivá-lo. Gustavo, às vezes, ficava a noite inteira com um livro ou outro deles, sempre os devolvendo depois de tê-los lido.

Ele ganhou seu próprio cachorro um dia, e, escondida, Olívia podia brincar com ele. Sempre se cuidava, para sua mãe não descobrir que se relacionava com animais de novo. Os donos portugueses não o tinham querido, porque era pequeno demais, e não era bravo, não servia para vigiar e proteger a casa grande. Então, deram-no para quem quisesse comprá-lo por um pequeno preço. Todos sabiam que não era justo pedir um preço por um animal que matariam, mas seu irmão o pagava com alguns dias do salário dele. E fê-la jurar que não contaria para seus pais. Enfim, seu pai castigou seu irmão por ter gastado todo o dinheiro na cerveja com amigos (Gustavo lhe contou esta mentira, porque sabia que esses eram atos de homens machos). Disse que devia saber que precisavam de comida. Porém, Olívia entendeu que, para ganhar a vida de um cachorro, era pouco preço ficar sem comer quase nada uns dias. Ela jejuava felizmente.

De repente, na vida deles, ocorreu o pior. Seu pai chegou um dia, todo orgulhoso, pronunciando que o país já ia ser livre, que deviam ir lutar para expulsar os malditos, mimados europeus, em vez de servi-los como escravos. Então começou a migração dos homens. Os jovens machos queriam se provar na guerra e ganhar orgulho.

Sua mãe não deixou Gustavo partir com eles. Cada vez que ele mencionava a guerra, ela começava a chorar e chorar; jurou que se ele partisse, ela morreria de saudade. Então ele resolveu não ir, mesmo que

todos os seus amigos já tivessem desaparecido.

E ele ficou, até uma noite quando Olívia teve um sonho.

Anos depois, ela ainda lembrava aquela noite. Pensava em si como idiota, porque contou o sonho para seu irmão. Mas, mais estúpido foi ele, que acreditou que o pássaro estava falando dele.

Ela sonhara que caminhava pela costa; descera até a praia, descalça, vestida de algodão, pura e branca. Era tudo tão pacífico, ela se concentrara em ouvir o mar, concentrara-se no sentimento gostoso de ter areia entre os pés. Quando ela começou a caminhar, um grupo de pássaros se tinha lançado ao ar. Mas um voltou. E falou com ela. Professou que ela seria alguém perto da figura que estaria lá ao fim da guerra, e veria a paz chegar. Então, o pássaro fez uma ferida longa no braço dela com seu bico. Escapou enquanto ela olhava seu braço, que não parava de sangrar, com horror.

Ela ficou com muito medo depois de ter sonhado, então confiara a seu irmão seu sonho, mas agora não se perdoava por tê-lo mencionado. Ele foi juntar-se com os militares logo depois. Ela bem lembrava o olhar dele quando se despediu deles só com a roupa nas costas. Ela lembrava quão curto era o cabelo dele, que cobrira as orelhas; ela lembrava as calças tão velhas, nas quais já se haviam aberto buracos; mais que tudo, ela lembrava o sorriso, cheio de esperanças.

Depois a vida dela era insuportável. Quando seu pai estava em casa era pior. Ele só falava da guerra, da liberdade com a qual ainda sonhava, mesmo quando todos os outros tinham abandonado a esperança. Mesmo que aquela guerra os tivesse roubado o melhor membro da família. Mas seu pai só podia falar nos sonhos que prognosticavam paz, liberdade e tudo que essas pessoas mereciam por serem escravas por tanto tempo.

Ela sabia melhor. Aqueles sonhos eram mentiras. Mentiras que destruíram todo traço de felicidade. Ela olhava pela aldeia onde morava e só via sofrimento.

Então ela foi embora. Adivinhou que era impossível que seu irmão estivesse vivo, então ela não tinha mais razão para ficar em casa.

Ela resolveu ir caminhar pela costa. Não contava para ninguém, mas ela guardava esperança de encontrar aquele pássaro de novo. Enfim, era a ele que ela culpava.

Andou um dia. Dois dias. Sentiu que seus pés iam cair por caminhar tanto, mas continuava porque tinha que continuar. O sol batia nela; ela sentiu como se estivesse a cozinhar em um forno grande.

Mas não estava sozinha. Ela não notou, porque já não pensava em mais nada além do irmão e do sonho, mas o cão de Gustavo a perseguia. Poderia ser que ele sentisse a resolução dela para encontrar seu dono, ou poderia ser que simplesmente ela fosse a única pessoa simpática com os animais, então a

persequia. Porém, como um amigo leal, perseguia-a sem se queixar até ela parar.

O que ela viu pela costa não era bonito. Todo modo de bagunça cobria seu país agora. Casas sem reparos. Casas que provavelmente não tinham visto pessoas por muito tempo, dadas as condições delas. Quase tudo era caótico, destruído. Ela pensou que talvez seu irmão pudesse estar lá, com a desordem, esquecido como a casa quando caiu. Ela via pessoas por lá, escondendo-se nos escombros. Ela sentia pena delas, porque obviamente eram mais pobres do que a família dela, que não tinha quase nada para comer. Eles não tinham nem casa. Eram mulheres e miúdos, os quais ninguém queria, e dos quais ninguém cuidava.

Ela via escombros na praia também. Pedacos de madeira, pedras e pregos. Ela se cortou num daqueles pregos, mas não sentia a dor do pé que sangrava. Já sentia dor demais pelo irmão perdido que não poderia sentir mais dor por nada. O cão que a seguia, ao contrário, parecia muito preocupado. Gemia, às vezes, quando achava que ela estava a ouvi-lo, mas ela não escutava.

No terceiro dia, ela desmaiou, cabeça por baixo na areia. O cão não sabia o que fazer, então começou a ladrar e a uivar. Não podia levantá-la por medo de que a machucasse.

Um pescador voltava para a casa dele quando ouviu aquele barulho. Sua mulher jurava que parecia um fantasma, vindo do mar, trazendo destruição. Todos sabiam que os velhos espíritos perdidos uivam como um chagal.

Mas o pescador sentiu a urgência na voz do cão, perdeu o temor e foi procurar o que causava tanta lamentação. Ficou cauteloso quando viu o cão, mas quando aquele veio lambendo a mão do pescador, ele sabia que não tinha por que temer. Aproximou-se do corpo na areia e viu uma jovem mulher. Arrastou-a para casa, onde sua mulher estava preparando o pouco que tinha trazido do mar naquele dia.

– Coitadinha. Encontrei-a caída na costa com seu cão leal do lado.

A mulher veio ver. – Machucou-se no pé, pobrezinha. Bom, dê-ma e verei o que poderei fazer. Mas se você não trazer mais comida para casa, não sei como poderemos continuar com ela e seu cão aqui. Nestes dias quase não temos bastante para só nós comermos, sem pensar em ajudar outros. Em nosso jardim já não cresce tanto quanto antes. Às vezes, acho que devíamos ter partido daqui faz muito tempo.

Ela murmurava enquanto se encarregava da rapariga. O cão leal do seu irmão a vigiava toda noite e todo dia enquanto ela melhorava.

O pescador, como prometeu tentou trazer mais para casa, mas era difícil conseguir, sem ajuda. A aldeia ao redor deles tinha sido destruída pela guerra. Eles só estavam salvos porque sua casa ficava longe das outras, isolada porque o pescador preferia tranquilidade. Infelizmente, não fugir significou que tinham que produzir sua própria comida sem ajuda, e

naquela terra era bem difícil.

Quando por fim Olívia acordou, estava sozinha no quarto com o cão. Não se lembrava de nada, mas sentia tanta fome que não lhe importava onde estava. Foi procurar comida. Encontrou a mulher da casa, cozinhando um peixinho no fogo. Parecia que nem tinha carne; só era osso e pele. Ao ver que a jovem tinha acordado, ela lhe ofereceu o peixe e o pouco mais que tinha de comida. Olívia encontrou sua voz e aceitou, voraz, com fome.

Quando a mulher a convidou para sair e caminhar, ela também aceitou sem pensar muito. Parecia que a doença a tinha curado da dor, porém, na realidade, era só que ela tinha esquecido por um tempo. Longe da casa, mas ainda visível, havia uma casa abandonada por causa da guerra. Essa lhe lembrou de seu irmão e ela chorou porque o tinha esquecido. Chorou porque se deu conta de que era melhor esquecer que lembrar.

Nesse momento, Olívia decidiu o que ia fazer. Não ouviu mais a mulher preocupada e esqueceu-se das lágrimas que estavam a cair. Voltou para a casa sem som nenhum, com o cão leal atrás.

Passou um, dois, três, e então quatro dias que não falou. A mulher ficou questionando, o primeiro dia, o que tinha feito mal, para a jovem não querer falar com ela. Porém, depois de uns dias, a mulher percebeu que a rapariga estava magoada demais. Cada dia tentava adivinhar o que poderia curar essa mágoa, mas não pensou em nada. Ela também tinha perdido demais; todos os seus filhos haviam morrido por causa da guerra, explosões e armas.

Olívia passou os dias pensando na mãe dela. Sabia que já teria morrido de saudade, porque estava tão fraca quando partiu. Afinal, ela tinha jurado isto ao irmão, e seria uma quebra imperdoável de promessa se não a cumprisse. Ela também sentiu que tinha feito uma promessa ao irmão naquele dia que ela partiu de casa para caminhar pela costa.

No dia seguinte, ela se jogou de um rochedo para o mar.

Isto foi o que decidiu. Ela sabia que só podia ver o pássaro nos seus sonhos, então resolvera sonhar para sempre. Estaria, então, sempre a procurar o pássaro, e a exigir que devolvesse seu irmão.

O pobre cão, que era tão leal, jogou-se também do rochedo, por distintas razões. Ele queria salvá-la, para não perder outro dono. Com sua morte, Olívia magoou tanto o cão que ele se tornou, por fim, um cão bravo. Atravessou o país, ficando longe dos humanos, porque aprendeu que eles só causam dor e desespero.

# JOSÉ

Brigid Byrnes

Turma de 2014

Foi a segunda noite consecutiva em que eu tive o mesmo sonho. Fogo, só fogo, fogo, fogo. Via o fogo crescendo, chegando mais perto de mim, não parava. Fogo que esquentava meu corpo. Eu sentia o rosto ardendo. Eu corria do fogo, tentando chegar ao mar para pular e ir embora, mas eu não conseguia. Eu corria, corria... e acordei. Acordei assustado. Eu não contei meu sonho para meu pai, porque ele já tinha tantas preocupações. Não tinha chovido fazia meses, mas, para nós, parecia anos. A terra estava dura e seca, o ar seco me sufocava, meus lábios estavam rachados, e até meus olhos e nariz estavam secos. Uma das nossas vacas tinha morrido e a comida que meu pai tinha guardado estava acabando rapidamente. Ninguém na aldeia estava prosperando. Como minha mãe sempre dizia, “quando a seca vem, ninguém é protegido.” Havia gente que não aguentava o clima, que decidia fugir e procurar um lugar melhor para morar, e nós sempre nos esquecíamos deles.

Eu não contei meu sonho para minha mãe porque meu irmãozinho precisava da atenção constante dela. Ele tinha parado de engordar e de crescer, estava até emagrecendo, e chorava toda noite. Minha mãe não tinha leite suficiente para ele, porque ela também não estava comendo bem, e os dois sofriam. Meu pai trabalhava todos os dias, tentando fazer qualquer coisa para nos alimentar, para nos tirar da situação difícil, da nossa realidade. Meu pai tentava sorrir. Ele tentava se esforçar para parecer alegre e otimista, mas quando eu olhava bem nos olhos dele, eu via a tristeza profunda. Eu via no corpo dele muito desejo, mas muito cansaço também. Ele sentia dor nas costas toda noite quando deitava para dormir, e todos os dias quando acordava de manhã. Era horrível ver meus pais assim.

Mas o pior de tudo era pensar no Zé, meu irmão mais velho. Ele tinha ido embora fazia três meses. Ele foi lutar pela independência do país contra Portugal. Eu estava orgulhoso dele, e sabia que era a coisa certa, mas me doía muito o coração também. Até o dia em que ele partiu, eu tentava convencê-lo de que era melhor não ir, que era perigoso, que ele poderia morrer. Mas eu realmente não pensava que ele fosse morrer, porque, para mim, ele era um herói, poderoso e forte.

Para mim, ele era perfeito. Eu sempre quis ser mais como ele. Ele era alto, forte, bonito e bom em tudo. Ele me deu orgulho de ser africano, porque era tão forte, mas tinha também um coração tão bom que eu tinha certeza de que ele não machucaria ninguém. Uma vez eu escutei uma das mulheres da aldeia falando para uma outra que ele, meu irmão, teria sido um escravo muito valioso, porque o corpo dele era muito capaz de trabalhar e a disposição dele era muito tranquila. Eu sabia que existia isso, de mandar homens africanos para irem trabalhar, mas eu não tinha conhecido ninguém que tivesse sido levado embora assim. Eu pensava, quando ouvi aquela mulher, que se alguém viesse para pegar meu irmão, eu iria em seu lugar, porque ele era mais importante para minha família, meu povo e meu país. Ele era mais corajoso que eu, mais inteligente que eu, e até contava melhores histórias que eu. Eu poderia escutá-lo contando uma história por horas e não me cansaria de ouvi-las. Ai, aquela voz dele...

Mas fazia muito tempo que o Zé não se comunicava com a minha família. Eu não sabia se era porque não era possível, ou se porque ele não queria. Eu esperava que fosse porque não podia. Imaginava que ele simplesmente não tivesse tempo nem condições de mandar alguma notícia. Eu imaginava que ele pensasse em mim tanto quanto eu pensava nele. No dia em que meu irmão se foi, ele olhou para mim e me prometeu que eu o veria logo de novo. Eu esperava que isso se tornasse verdade. Eu esperava que ele me amasse, que ele nos amasse, e que tudo ficasse melhor um dia. Eu me lembrava de tudo que eu tinha ouvido sobre guerra na minha vida. Eu imaginava a violência, o terror, todas as possibilidades. Eu imaginava até as várias formas como alguém poderia morrer na guerra. Imaginava os sons, os gritos, o fogo. Minha mente se enchia com todas essas ideias à noite, porque durante o dia eu conseguia me distrair, tirar essas noções da cabeça. Durante o dia, eu ajudava meu pai ou minha mãe, ou eu andava sozinho, criando histórias. Eu criava histórias e as modificava até que elas ficassem boas -- boas para contar para meu irmão quando ele voltasse, como ele tinha me prometido.

Meus dias eram todos iguais, não fazia nada

de interessante ou bom, mas pelo menos não eram como minhas noites. À noite, eu ficava obcecado com a morte. Se meu pai tivesse matado uma galinha naquele dia, eu via a morte dessa galinha passando mil vezes na minha mente. Eu tinha visões de um atacante, um soldado branco, enorme. O *mucunha*<sup>1</sup> me dava medo, me deixava pensando no mundo, fora de Moçambique também, na desigualdade, na injustiça. Eu queria saber por que algumas pessoas viviam vidas muito mais fáceis que outras. Imaginava muito a morte, mas quando eu imaginava as mortes de homens, eles nunca tinham rostos. Eu sempre via sombra onde era para ser o rosto...

Mas estou me perdendo na minha história! Onde é que comecei? Ah, sim, com o fogo. Tinha falado que na segunda noite, eu estava correndo quando acordei. Depois disso, eu não tive o sonho por uma semana. Minha semana foi calma, rotineira e pensei que talvez o sonho nunca voltasse. Mas ele voltou uma noite. Desta vez foi diferente. Desta vez, o fogo vinha e vinha e vinha, eu corria e, de repente, apareceu um passarinho branco. Eu o seguia, e enquanto eu chegava mais perto dele, sentia uma leve brisa. Eu me senti em paz, eu me senti como se houvesse alguma força me protegendo do fogo. Não consegui parar de sorrir de tanta alegria e de tanta sensação de liberdade. O pássaro voava rápido, mas eu nunca perdi meu caminho, porque havia um pequeno raio de luz que me ligava ao animal. Eu comecei a sentir o cheiro do mar nas minhas narinas e inspirei forte. Olhei para trás e o fogo estava muito longe de nós.

O pássaro me guiou até a beira do mar, e eu vi uma canoa. Eu sabia que era essa minha oportunidade de escapar do fogo, de escapar de tudo, mas olhei para o pássaro. Ele tinha se machucado, parecia que ele tinha batido a asa em um galho de árvore. Tentei indicar que ele podia vir comigo na canoa e que eu tentaria cuidar dele, mas ele recusou. Sem entender, eu entrei na canoa, empurrei-a, e parti devagar. De dentro da água, continuei olhando para o pássaro e vi o fogo de novo. Eu assisti, desesperadamente, enquanto o fogo chegava até a árvore onde o pássaro estava. Em um instante, o fogo engoliu o pássaro completamente. No meio de toda aquela confusão e destruição, eu escutei um grito de um homem, vindo de onde a árvore do pássaro tinha caído. A voz gritou meu nome. Naquele momento, eu sabia quem era o pássaro, eu entendia o sonho.

Acordei gritando, “Zé! Zé! José, meu irmão!” Minha mãe veio para meu quarto e me segurou forte. Eu não queria que ela se preocupasse comigo, mas eu não podia continuar, depois desse sonho, depois dessas imagens, sem contar para alguém. Eu falei tudo para ela, incluindo todos os detalhes de que eu me lembrava. Eu também lhe contei que além dos sonhos,

eu estava tendo pensamentos sobre a morte, a guerra, a violência, e sobre meu futuro, o futuro do meu povo. Ela escutou tudo, e quando cheguei à parte sobre a morte do pássaro, eu vi no rosto dela que ela também tinha entendido o que aconteceu. Ela continuou me abraçando e começamos a chorar juntas. Não era preciso falar nenhuma palavra. Eu lembrei das visões de morte que eu tinha tido e agradei, agradei por nunca ter visto o rosto de nenhum homem. Agradei que não via nenhum rosto, porque assim eu podia lembrar o rosto do meu irmão como sempre foi, com um sorriso grande e olhos brilhantes.

Agradei, mas ao mesmo tempo, fiquei furioso. Fiquei furioso com o fogo. Aquele fogo iria queimar tudo. Minha terra, meu povo, minha família não estavam protegidos do fogo. Meu irmão foi lutar pela independência, foi para nos dar uma vida melhor, foi para jogar água em cima do fogo, cortar o caminho do fogo, terminar com a época do fogo. Mas não era o bastante. Eu sabia que ele era pequeno demais para um fogo tão grande. Para acabar com esse fogo, precisaria de mais água, ou de mais canoas, mais pássaros brancos, mais brisa. Para acabar com esse fogo, precisaria de um milagre.

Anos depois daquela noite do sonho, a guerra da independência acabou, e quando meu irmão não voltou para casa, não houve mais dúvida sobre o que tinha acontecido, não houve mais esperança de que a minha interpretação e a da minha mãe do meu sonho fossem erradas. Os períodos de seca iam e voltavam, e a saúde do meu irmãozinho continuava fraca. Meu pai continuava cuidando da terra e continuava escondendo sua tristeza. Mais gente abandonou a aldeia, mais vacas morreram e mais dias passavam desde a última vez que eu tinha ouvido uma história contada por meu irmão. A guerra acabou, sim, mas dois anos depois, já começou outra guerra. Desta vez, é uma guerra civil. A RENAMO foi estabelecida para resistir contra o governo da FRELIMO. Eu sei que essa política toda deve fazer sentido para alguns, mas os nomes FRELIMO e RENAMO não significam nada para mim além de violência, além de injustiça, além de morte. Desta vez, a guerra não acaba. Já faz onze anos que começou, e não mostra nenhum sinal de que vai acabar logo. As famílias na aldeia onde eu moro não cantam mais, não dançam mais, não fazem mais comida juntas. Ninguém toca violão, nem as crianças brincam ou dão risada. Às vezes, parece que todo mundo está em transe. Parece que os olhos deles nunca mais vão brilhar, os sorrisos nunca mais vão voltar aos seus rostos. Talvez o fogo que queima a esperança nunca acabe, talvez tudo se torne fogo um dia, até o dia em que não haja mais água.

Eu mantenho minha sanidade porque ainda sonho. Nos meus sonhos, eu ainda consigo sorrir, sentir meu coração bater com a energia que eu

---

<sup>1</sup>Homem de raça branca

tinha antes. Aquela energia que eu tinha quando era criança, pulando e correndo atrás do meu irmão. Nos meus sonhos, eu ainda vejo um pássaro branco. Só de vez em quando, mas ele aparece nas noites mais difíceis. Ele aparece para me mostrar o caminho. Ele aparece para me mostrar o mar, a canoa, as árvores e a brisa. Ele aparece porque eu preciso que ele apareça. Meus pais também já morreram e eu passo minha vida cuidando do meu irmão mais novo. Ele é muito pequeno, magro e mudo. Os médicos falam que ele simplesmente não recebeu a nutrição de que precisava. Eu cuido da terra e nesses dias estou guardando bastante mandioca para o próximo período de seca. Quando o pássaro branco aparece, eu sei que ele ainda está tentando prevenir que o fogo chegue aqui.

Não sonho mais com morte, não penso mais nas possibilidades. Não escuto mais os gritos e não vejo fogo. Meus pensamentos de anos atrás não me assombram. Talvez seja porque hoje sou mais maduro, talvez porque não tenha mais medo. Não tenho mais medo. Não vejo mais fogo. Eu sei que há fogo ainda, eu sei que a guerra não está longe de mim, mas, por alguma razão, não tenho mais medo. Mas estou ficando velho. Estou ficando velho e ainda não vi nada do mundo. O pássaro branco dos meus sonhos me mostrou que há mais no mundo, que há mais que minha aldeia, que há mais que África, que há muitos lugares bonitos do outro lado do mar. Do outro lado do mar, o mar da minha canoa. Há lugares com chuva e terra boa. Há lugares sem escravidão, há lugares sem guerra constante. Disso eu tenho certeza, porque o pássaro me mostrou.

# A MENINA QUE FEZ SUA TERRA CHORAR

Andrea Herrera

Turma de 2013

**A**nos atrás, numa pequena ilha no oeste do grande continente africano, houve uma série de secas que o povo nunca havia vivido. A terra gritava com sede e os frutos da mãe natureza estavam ficando fracos e doentes sem a água pura e fresca do céu. Esta ilha sempre existia nestes extremos, ou secas ou chuvas que inundavam a terra. O povo chorava e implorava pela volta da chuva. Mas numa das aldeias pequenas, vivia um casal- Fortaleza e Piedade, que esperava ter um filho. Eles amavam sua terra, mas que tudo- Fortaleza cultivava o que ele podia nesse terreno tão pedregoso, e Piedade cuidava dos animais.

Com o passar do tempo, Piedade estava ficando doente, e os dois sentiam medo por sua saúde e a saúde do bebê que nasceria nestas condições tão terríveis. Piedade rezava todas as noites às deusas da natureza, implorando que a chuva caísse. Meses depois, quando Piedade estava cuidando dos animais, ela sentiu uma dor como um relâmpago na sua barriga- sua filha estava chegando. De repente, ela sentiu uma gota de água doce e pura caindo do céu. Piedade correu para dentro de casa, gritou por Fortaleza, e eles se prepararam para o nascimento. As pequenas gotas de água de repente se tornaram chuva consistente. Fortaleza não podia crer no que ele via... finalmente, a chuva estava caindo. Quando Piedade gritava de dor, relâmpagos caíam do céu.

Finalmente, depois de horas de uma dor incrível, nasce a filha de Fortaleza e Piedade. Ela era pequena, mas perfeita, com uma cor de pele de chocolate com leite, e uns olhos verdes claros que eram como espelhos. Era um milagre dos espíritos, gritava Fortaleza, correndo pela chuva que caía constantemente na terra dolorida e morta de sede. “Nós a chamaremos de Agualinda”, disse Fortaleza. “Como a água, ela é nosso milagre.”

As chuvas continuaram por meses, como remédio para a terra, as plantas, e os frutos. O povo chorava de felicidade, a ilha tinha vida de novo, algo que não tinha existido havia muito tempo. A família vivia felizmente, Agualinda estava crescendo cada dia mais. Os anos passaram e ela era uma menina feliz, carinhosa, e amável que adorava a natureza.

Cada minuto que ela podia, ela passava ao ar livre brincando com os animais, subindo nas árvores, e admirando a beleza da natureza. Ela e a natureza eram inseparáveis, e quando ela tinha que ir para casa, ela chorava e pedia para continuar fora. Assim como ela amava a natureza, esta a amava muito também; as flores floresciam quando ela as tocava, e os animais a seguiam por todos os lados, especialmente o seu pássaro favorito, Esperança. Quando ela era adolescente, escapava de casa e explorava a terra. Ela encontrava consolo e esperança na natureza, sentindo que só assim seria ela mesma.

Os anos passaram, e enquanto a família vivia felizmente na sua aldeia, quase todos os seus vizinhos se foram da ilha, procurando oportunidades em outros países. Um dia, o irmão de Fortaleza veio para visitá-los. Ele e sua família iam embora para os Estados Unidos em um mês, procurando um trabalho e oportunidades de prover uma melhor educação para seu filho. “Nossa ilha já não tem tudo de que precisamos para viver, e mesmo que nos entristeça deixar nossa casa, precisamos pensar no futuro e progresso da nossa família”, disse o irmão. “Eu sinceramente acho que vocês também devem pensar nas oportunidades fora da ilha e considerar ir conosco.”

Fortaleza e Piedade sofriam com a ideia de prover um futuro melhor para sua filha e, depois de muitas brigas, decidiram que, para o progresso da família, seria mesmo melhor mudar da ilha e ir aos Estados Unidos. Fortaleza e Piedade sabiam que Agualinda não ia gostar da ideia e ela ia se entristecer muito. Agualinda estava sentada fora com as suas plantas quando seus pais lhe deram a notícia.

“Água, nós precisamos falar com você”, disse Fortaleza

“Por favor, tenta compreender o que teu pai vai te dizer”, disse Piedade.

“Sim, Mãe, o que está acontecendo?”

Perguntou Agualinda,

“Nós estávamos conversando, e achamos que é hora de procurarmos uma vida nova em outro lugar, para teu bem.”

“O teu Tio e sua família vão embora para

os Estados Unidos, e nos contaram sobre todas as oportunidades que eles encontraram ali, especialmente para seu primo”, disse Piedade.

Agualinda não podia crer no que seus pais lhe estavam contando, e uma raiva imensa tomou conta de si. Ela nem podia pensar, pois seus sentimentos estavam tão feridos pelo que seus pais queriam fazer. Na sua mente, isso era o final da sua felicidade, sua terra era seu amor e a única coisa que a fazia feliz. A menina sentia como se alguém lhe tivesse tomado sua alma e nem podia encontrar as palavras para expressar sua tristeza e raiva. Como uma tormenta, ela sentia suas lágrimas superando sua força e brotando no seu rosto. De repente, com um rio de lágrimas caindo da sua face, ela saiu correndo, deixando seus pais traumatizados sabendo da dor que lhe deram. Ela correu, até que ela chegou pelas montanhas e atirou-se ao chão e chorou até que não podia mais. Ela ficou ali, pensando no seu futuro- só a ideia de sair da sua ilha lhe quebrava o coração. Logo chegou o pássaro Esperança, que lhe disse:

“Agualinda, não fique triste, a ilha sempre será tua casa, não importa onde você esteja.”

“Mas eu não quero ir, a ilha é minha casa, meu amor e minha inspiração. Eu não posso ir embora! Se eles quiserem ir eles podem ir sem mim!” disse Agualinda.

“Menina, você não pode dizer isso! Teus pais te amam muito e por isso eles estão fazendo este sacrifício, se não, não iriam embora! Tenta entender o que eles estão fazendo e que é por teu próprio bem”, exclamou o passarinho.

Depois da conversa, ela estava muito mais calma que antes e voltou para sua casa para falar com seus pais. Mesmo que ela não gostasse da ideia, ela sabia que tinha que seguir as ordens dos seus pais. Quando ela voltou, ela abraçou sua mãe, que lhe disse:

“Minha filha, você sabe que tudo que nós fazemos é porque queremos prover o melhor para você, e dar-lhe as melhores oportunidades para seu futuro. Eu sei que agora não parece assim, mais dê algum tempo e você verá que isso é ideal para nossa família.”

Nessa noite, a coitada da Agualinda não dormiu nada, insegura sobre o que o futuro lhe traria naquele mundo tão distante e novo, os Estados Unidos. Uma semana depois, a família já havia começado a planejar a viagem transatlântica. A menina não falava nem passava tempo em casa, só ficava fora na natureza. Os animais a perseguiam, tentando fazê-la sentir-se melhor, mas ela estava triste demais.

Quando chegou o dia da viagem, a comunidade inteira chegou para se despedir da família. Agualinda não podia crer que finalmente ela tinha que dizer adeus a sua casa e pátria. Sua vida nunca seria a mesma, em vez do mar e das montanhas, ela viveria em uma cidade suja com quase nada da natureza para admirar. Agualinda nunca havia se sentido assim, como se parte da sua identidade estivesse sendo esquecida

e abandonada. A viagem até os Estados Unidos foi horrível para a menina, no mar, de barco, dizendo adeus à sua vida antiga e pensando no futuro.

Finalmente, quando chegaram a Nova Iorque, Agualinda imediatamente sentiu saudades da sua terra, sua fauna, flora e das pessoas que ela amava tanto. Esta cidade imensa, sempre alerta, e sem natureza não era nada para ela. Seus pais sabiam que aquele seria um processo muito difícil para sua filha, e tentaram fazê-la sentir-se melhor. Os dias passavam e ela não aguentava mais. Na escola, o único em que ela pensava era voltar para sua ilha e arrumar tudo. Todos os dias, Agualinda passava por parques para ver a natureza, e todos os animais sempre se aproximavam dela. Só estes pequenos momentos lhe faziam feliz. No seu prédio viviam pessoas de todo o mundo, de países da Ásia, América Latina, e muitos mais. Ela conheceu muitas pessoas interessantes, mas ainda tinha saudade do seu povo na ilha.

Todo esse tempo, a natureza também tinha saudades da sua Agualinda, dado que ela era a felicidade da terra e da ilha. Desde que sua família se fora, a ilha nunca mais havia sido a mesma. Houve épocas de chuvas extremas e depois meses de secas, quando a terra sofria, como na época antes de Agualinda nascer. Os frutos morreram e a terra pedia o socorro da mãe natureza.

Anos passaram e Agualinda cresceu, foi para a universidade, onde ela estudou direito internacional. Depois de muitos anos sem estar na sua ilha, e vendo os problemas que seu país sofria, Agualinda quis voltar e fazer qualquer coisa para ajudar seu povo e sua terra. Ela não havia estado assim, feliz, desde que morou lá, e para ela era uma oportunidade de conectar-se com seu povo adorado. Nesse momento, o clima ruim e brutal continuava destruindo seu país. Agora era o momento perfeito para que a Agualinda voltasse, esperando que ela pudesse fazer qualquer coisa para ajudar.

Quando ela chegou, começou a chorar como nunca tinha chorado- lágrimas de felicidade, saudades, e tristeza se encontravam pelos lados. Mas, de repente, o céu tornou-se azul em vez de cinza, o sol brilhante nas nuvens, as flores florescendo por todos os lados e as árvores antigas a abraçavam alegremente, porque a menina da natureza havia voltado. Agualinda não podia crer no que acabava de acontecer diante dos seus olhos A própria natureza a estava recebendo com amor e alegria. A ausência de Agualinda havia destruído a alma e o moral da natureza, e sua volta recuperou tudo. A menina finalmente estava em casa, seu lugar favorito, onde ela verdadeiramente pertencia. A conexão entre ela e a natureza era mais forte que tudo neste mundo.

# KITU E OS CONTOS DO FEITICEIRO

Juliana Schott

Turma de 2012

Cada dia quando Kitu andava para a escola, ele passava por um mercado dentro de uma cerca. Ele sempre via várias pessoas entrando e saindo do mercado, mas nunca sabia o que elas vendiam lá. Era estranho para ele, porque sempre havia poucas pessoas no mercado, muito diferente do mercado onde sua mãe comprava a comida da família. Nesse mercado que sua mãe frequentava, sempre havia muita gente e muito barulho das pessoas e dos animais. O mercado pelo qual Kitu sempre passava, não tinha barulho e não tinha animais vivos. Ele não sabia se eles ainda vendiam comida. Na verdade, ele não tinha nenhuma ideia do que eles vendiam nesse mercado misterioso.

Um dia, quando sua mãe ia andando com Kitu para a escola, ele perguntou:

“Mãe, o que há dentro daquela cerca ali? É um mercado?”

“É mercado, sim.”

“Mãe, o que eles vendem lá?”

“Nada que queremos comprar”

“Por que?”

“Não pergunte mais. Prometa-me que você nunca vai entrar nesse mercado. Promete?”

“Prometo.”

Ele prometeu, mas continuou a pensar nesse mercado. Quando chegou à escola, ele perguntou ao seu amigo se conhecia o mercado misterioso.

“Conheço. Minha mãe me disse que nosso vizinho trabalha lá. Sempre o vejo entrando no mercado. Mas...” o amigo começou a sussurrar, “minha tia me disse que aquele vizinho que trabalha lá é um feiticeiro.”

“Não acredito,” Kitu respondeu.

Ele disse que não acreditava, mas ele pensou nesse mercado e no vizinho feiticeiro o dia inteiro. Quando voltou para casa, não podia pensar em nada mais além do mercado e do feiticeiro. Ele devia saber o que eles vendiam no mercado. Durante a noite, ele sonhou que estava andando pela escola com seu amigo e o amigo viu seu vizinho entrando no mercado. O amigo convenceu Kitu a seguir o vizinho. Eles começaram a segui-lo. Estavam abrindo o portão para entrar no mercado. Ele ia saber o que existia dentro do

mercado... mas ele acordou.

“Não!”, ele gritou quando acordou. Ele nunca ia conhecer o mercado. Mas, depois desse sonho, ele quis entrar lá mais do que nunca. Desapontado, saiu do seu quarto e viu sua mãe preparando o café da manhã. Sabendo que sua mãe ia ficar com raiva da sua pergunta, Kitu perguntou de novo sobre o mercado.

“Mãe, por que você não me diz o que eles vendem no mercado?”

Zangada, ela disse: “não precisa saber, Kitu! Você acredita em Deus?”

“Acredito,” respondeu, sem certeza de que ele realmente acreditasse.

“Deus não existe lá,” sua mãe disse.

Com medo de irritar mais sua mãe, ele parou de perguntar. Naquela manhã, andando para escola, um cachorro preto começou a seguir Kitu. Por alguns minutos, Kitu não notou esse cachorro, mas eventualmente ele virou e perguntou ao cachorro por que ele o estava seguindo. Kitu ficou surpreso quando o cachorro respondeu.

“Eu sei do seu sonho e quero te ajudar a descobrir a magia do mercado,” o cachorro explicou.

Pensou um momento, mas lembrou das palavras da sua mãe e disse que não precisava da ajuda do cachorro.

No dia seguinte, a mesma coisa aconteceu. No mesmo lugar, o cachorro apareceu e começou a segui-lo. Kitu perguntou de novo o que o cachorro queria e respondeu que ele queria ajudá-lo. Passou uma semana da mesma interação, quando finalmente ele aceitou a proposição do cachorro. Animadamente, o cachorro o instruiu a segui-lo e os dois começaram a andar pelo mercado. Quando chegaram ao portão, o cachorro virou e perguntou se Kitu tinha certeza de que queria entrar. Ele respondeu que tinha certeza. Então, o cachorro empurrou o portão e os dois cuidadosamente entraram. Kitu não acreditava no que ele via. Estavam cercado de barracas. As barracas não tinham objetos normais, só ossos de animais. Havia pouca gente dentro, só algumas pessoas falando em vozes baixas. Sem dizer onde estava indo, Kitu seguiu o cachorro para dentro de uma barraca. Na barraca, um homem

velho estava sentado perto de uma fogueira.

O cachorro disse ao homem, “Senhor, te apresento Kitu.”

“Oi, Kitu. Ouvi que você queria saber o que nós fazemos aqui.”

“Quero,” Kitu disse em voz baixa.

“Você já ouvi a estória do menino que queria voar?”

“Não,” Kitu sussurrou.

O homem começou: era uma vez um menino que, mais do que nada, queria voar. Começou com as alturas pequenas, ele saltava das cadeiras na sua casa. Quando sua mãe perguntava por que ele fazia aquilo, ele explicava que era só porque queria. Nunca disse que o fazia porque ele queria voar. As cadeiras se tornaram as grandes pedras do lado da sua casa. Ele saltava, mas nunca conseguia voar. Uma vez, ele estava dormindo e no seu sonho um pássaro chegou e disse que precisava continuar tentando. O pássaro disse que, se acreditasse, voaria. Na manhã seguinte, o menino acordou com a certeza de que naquele dia ele voaria. Foi à maior árvore da aldeia e não subiu.

“E... o que aconteceu?!” Kitu perguntou impacientemente.

“Ele voou,” respondeu simplesmente.

“Como?” Kitu perguntou.

“Queria,” o homem respondeu.

Kitu voltou para casa pensando na estória que o homem contou. Quando sua família estava jantando, sua mãe perguntou por que ele tinha voltado tão tarde da escola. Mentiu e disse que estava brincando com seus amigos. Ele se sentiu arrependido, pois nunca tinha mentido à sua mãe, mas ele não queria desapontar sua mãe. Ele não queria que ela o proibisse de voltar.

No dia seguinte, quando voltou, Kitu perguntou ao homem por que a gente não falava do mercado e por que sua mãe o havia proibido de ir lá.

“Eles não entendem o que nós fazemos aqui. Eles não acreditam em nossa magia. Têm medo, porque não entendem,” explicou.

“Minha mãe me disse que Deus não existe aqui. Por que ela disse isso?”

“Temos mais deuses aqui do que aquelas igrejas que sua mãe frequenta. Somos o povo verdadeiro dessa terra. Somos o povo original. Todos podem acreditar no que eles quiserem. Nós preferimos seguir o que nossos antepassados nos ensinam.”

“Como eles te ensinam?”

“Nos sonhos,” o homem explicou, eles vieram e o ensinaram. Às vezes, eles vieram nos corpos dos animais e às vezes as vozes deles apareceram nos sonhos. Kitu não sabia se ele acreditasse no que o homem estava dizendo, mas quis saber mais. Então, o homem continuou e deu-lhe um exemplo. Uma vez, ele contou, uma mulher foi à sua barraca e explicou que seu filho tinha uma dor de cabeça horrível e precisava de um remédio potente porque nenhum outro tinha funcionado. O homem disse à mulher que

ele ia dormir e que no dia seguinte ele teria a solução. Então, o homem dormiu e sonhou. No sonho, um cachorro grande chegou e, sem dizer nada, deu-lhe as folhas vermelhas de uma planta. No dia seguinte, quando a mulher voltou, ele lhe deu as mesmas folhas que o cachorro havia dado ao homem no seu sonho.

“O remédio funcionou?” Kitu perguntou.

“O que você acha? Acha que funcionou?”

Na verdade, não sabe se a estória que eu conto é verdadeira ou não, né? Mais importante que a verdade da estória é o que você traz para a estória. Se você acredita que ele tenha voado, ele voou. Se não, não voou. Se você acredita que o remédio tenha funcionado, funcionou. É possível que nunca tenha havido um menino que quisesse voar, mas você nunca saberia. O que importa é o que você acredita que aconteceu, porque isso, esse fato, diz mais do que a ‘verdade’. Isso diz algo sobre você. Entende?”

“Não sei...” Kitu respondeu, hesitante, “acredito que tenha voado.”

“Então, voou.”

Não sabia por que essas estórias confusas tinham um efeito tão grande sobre si, mas não podia parar de pensar no menino que queria voar. O fato mais interessante da estória para ele foi que pôde escolher o fim. Podia decidir se o menino tinha voado ou se o remédio tinha funcionado. Nunca tinha ouvido uma estória em que pudesse escolher um fim. Kitu não sabia, mas essa descoberta, enfim, teve implicações maiores na sua vida do que no dia em que ouviu a estória.

Dez anos depois, tinha mudado para a capital do país e estava trabalhando em um supermercado. Era muito diferente do mercado na aldeia que capturou sua imaginação quando era jovem. Ele tinha família, uma esposa e dois filhos. Seus filhos tinham oito e dez anos. Seus filhos ainda não tinham visitado a aldeia onde Kitu havia crescido. O filho mais jovem tinha a mesma idade que Kitu tinha quando ele encontrou o feiticeiro no mercado pela primeira vez.

Uma noite, quando Kitu voltou para casa depois do trabalho, seu filho mais novo pediu que ele contasse uma estória. Kitu pensou na sua infância, quando ele também gostava de ouvir estórias. Ele começou a contar as estórias que o feiticeiro tinha lhe contado uma vez. Seu filho foi capturado pelas estórias e também queria saber se o menino tinha conseguido voar. Nesse momento, Kitu decidiu que precisava voltar à aldeia da sua infância.

No dia seguinte, Kitu, sua esposa, e seus dois filhos embarcaram em um ônibus para sua aldeia. Sua mãe e seu pai ainda moravam lá. Levou cinco horas para chegar lá. Quando chegaram, os filhos estavam cansados e não tinham nenhuma ideia do que esperar. A aldeia tinha mudado muito desde que Kitu partiu. Chegaram à sua casa e a sua mãe estava preparando o jantar. Ela parecia a mesma de quando ele partiu. “Algumas coisas não mudam,” Kitu pensou. Seu pai estava sentado na sala. Os filhos

tinham encontrado os pais de Kitu só duas ou três vezes quando eles foram à capital. Nunca tinham visto seus avós na própria casa deles. Em vez de ter uma aparência desconfortável como tinham na capital, eles pareciam confortáveis na sua própria casa. Os filhos se sentaram no chão, ao lado do seu avô. Pediram que ele lhes contasse uma história.

“Vocês já ouviram a história do menino que queria voar?” o avô perguntou.

Mesmo que eles ainda ouvissem a história várias vezes, eles responderam “Não.”

Queriam ouvi-la de novo.

# UM CONTO AFRICANO

Patrick Plasterer

Turma de 2013

“Eu te dou cinco segundos. Se você não sair daí com as mãos pro alto eu vou jogar uma granada aí dentro e prometo que você vai virar carne moída na parede.”

“Vai se f\*\*\*\* seu desgraçado. Eu prefiro morrer que ver sua cara feia.”

“Você acha que eu tô brincando, rapaz!” e com isso o homem aumentou a voz e mandou dois tiros do seu fuzil pela parede a um metro da porta do armário de onde a voz tinha vindo. Imediatamente uma cara apareceu da escuridão do armário. Era a cara de um jovem, de mais ou menos quinze anos, vestido com uma camisa velha e rasgada, com shorts coloridos e chinelos quase quebrados. O homem ficou assustado com a aparência do menino, mas ficou com a ponta do seu fuzil fixada na testa dele. O homem parecia que já tinha visto muito que queria esquecer, com rugas profundas ao redor dos olhos e da boca, lábios pequenos, e cabelo curto e grisalho. Ele era verdadeiramente um soldado de guerra feia, e esta era uma guerra feia na qual se encontravam. Guerras civis são sempre as mais feias, porque não importa de qualquer lado você observe, você está sempre matando conhecidos. Não há glória, verdadeira ou imaginada, na guerra civil, muito menos em Moçambique.

Esta situação era um exemplo perfeito. Longe de qualquer campo de batalha de livro ou filme, este era um quarto, pequeno e feio, igual ao prédio a cujo quinto andar o quarto pertencia. Tinha tinta amarela e suja caindo das paredes, um chão de cimento com vidro quebrado e o cheiro de mofo no ar, com apenas uma janela quebrada para iluminar o espaço.

“Fique com as mãos pro alto e as costas na parede ou eu te mato agora mesmo”, diz o homem com uma frieza inumana. O menino não mostrou nenhum sinal de medo. Só de frustração. A tensão quebrou quando o homem foi distraído.

“Mas que cheiro de podridão! Você não toma banho, seu infeliz?” O homem levantou um braço para cobrir o nariz, mas manteve o fuzil apontado para a cara do menino.

“Quer saber mesmo?” pergunta o menino com sarcasmo. “Olha aí que gostoso” e o menino levantou os shorts da perna esquerda para revelar um ferimento de bala que estava terrivelmente infectado. Tinha uma cor

preta e roxa com muito inchamento.

“Meu Deus! Onde é que isso aconteceu?” Ele sabia a resposta, mas não conseguiu deixar de perguntar.

“Onde cê acha, rapaz? Lutando contra vocês, filhos da p\*\*\*\*!” O homem sabia a resposta. Ele já tinha visto a bandana com as letras “RENAMO” amarrada no braço do menino quando ele saiu do armário. O menino já tinha visto o remendo escrito “FRELIMO” no ombro dele. Eles sabiam que eram inimigos já desde o começo. Eles sabiam que um deles tinha que morrer.

Depois de um tempo, o homem quebrou o silêncio.

“Olha, eu era um médico antes da guerra. Eu tenho medicamentos na minha mochila e eu sei como tratar a sua perna.” Ele começou a abaixar o fuzil devagar.

“Você acha que vou te deixar me tocar?” disse o menino com um sorriso amargo.

“Se eu não te tratar, do jeito que sua perna está, você vai estar morto em menos de uma semana. Eu te garanto. Vai procurar alguém do seu lado ali fora que vai te ajudar,” disse o homem com calma e frustração reprimida. O menino pensou enquanto o homem abaixou a ponta do fuzil ao chão. Sem trocar palavras, o homem ajoelhou-se e deixou a arma ao lado do menino para mostrar que não havia perigo, e o menino tirou os shorts e sentou-se no chão. O homem tirou a mochila das costas e deixou-a atrás de si. Ele virou as costas e começou a tirar álcool e bolinhas de algodão numa caixa branca. Ele começou com o sangue e outros líquidos que tinham se solidificado dentro do buraco que a bala tinha criado.

“Eu não conheço seu sotaque. De onde você vem?” perguntou o homem.

“Venho do inferno, meu amigo,” disse o menino com uma cara de quem tinha praticado essa resposta esperando o dia em que alguém lhe perguntasse. “Sou filho da liberdade e primo da morte. Eu moro na violência e meu único amigo é a droga. Sou homem de verdade, rapaz.”

“O que você é mesmo é um idiota e um vagabundo! Você está jogando sua vida fora!” disse o homem com uma raiva surpreendente. O menino retornou com a mesma fúria.

“Você começou meu inimigo, virou meu médico e agora quer ser meu pai? Tire essas mãos de mim! Saia daqui antes que eu te mate!” O menino começou a levantar rapidamente, mas parou por causa da imensa dor.

“Olha,” diz o homem com calma. “Me desculpe. Você está certo. Por favor, sente de novo.” O menino pausou, e depois escorregou de volta pro chão. “É que eu tinha um filho. Ele teria mais ou menos a sua idade hoje...” O homem parou e levantou. Ele andou até a janela quebrada para esconder os olhos. Ele olhou para fora. De repente, um tremor começou no pescoço dele e viajou até as pontas dos dedos. Lá fora, deu para ver os soldados do batalhão dele começando a envolver o prédio no qual eles estavam. Eles estavam ganhando a batalha lá em baixo, e ele sabia que em pouco tempo os soldados estariam subindo a escada e chegariam aonde eles estavam. Ele sabia que se este menino fosse capturado, nem teria a chance de virar prisioneiro. Prisioneiro come. Eles nem tinham comida suficiente para si mesmos. Prisioneiro reclama. Prisioneiro tenta escapar. Matar é muito mais conveniente.

O homem resolveu não dizer nada e voltar à ferida do menino. Ele começou a cortar a carne podre em volta do buraco e retirou a bala.

“Bem. Como eu estava dizendo, eu tinha um filho. E uma esposa linda, e uma fazenda com vacas e cabritos. Minha aldeia era pequena, mas tão bonita.” Ele pausou. “Perdi tudo numa invasão tribal. Tudo que tinha. Todo mundo perdeu tudo.” Uma lágrima formou-se onde o olho termina e o nariz começa. O menino viu as lágrimas e parou de se mexer. Nos olhos dele, parecia que dava para ver a compaixão. O tipo de compaixão que só pode existir entre duas pessoas que conhecem a tragédia como se fosse uma velha amiga. O homem olhou para fora da janela e viu mais soldados chegando para destruir os últimos fragmentos de resistência. Ele sabia que o tempo estava acabando.

“As coisas que eu fiz...as coisas que eu vi...” De repente, parecia que o homem de gelo estava quebrando, que toda a pressão do inferno que ele tinha suportado por tanto tempo estava finalmente destruindo qualquer pedaço de humanidade que ele ainda tinha lá dentro.

“Você precisa entender o que é a guerra, garoto. Você precisa entender o que é sofrimento.” O menino começou a parecer sinceramente interessado no que o homem estava dizendo. Enquanto isso, o homem começou a atar o ferimento com pressa. Ele sabia que a única chance do menino sobreviver era fugindo. “A guerra é a vida sem o porquê. Anjos sem poder e diabos sem limites. Crianças sem pais, homens sem braços, tudo sem porquê.” Ele parou e olhou para a cara do menino. Naquela cara dava para ver milhares de caras, milhões de caras, dava para ver os futuros pais deste país órfão. Dava para ver a única chance deste país achar a justiça que tinha perdido. Dava para ver sua única esperança.

Eles começaram a ouvir o barulho de soldados entrando no prédio e subindo as escadas. Restavam

minutos. O homem estava quase terminado com a perna, e começou a falar freneticamente.

“Você está me entendendo, meu filho? Saia desta vida! Saia daqui antes que seja muito tarde! Salve-se, porque senão, ninguém jamais vai poder te salvar!” Ele começou a gritar na cara do menino. O barulho dos soldados subindo foi aumentando e aumentando. O homem terminou a atadura e só faltava fixar um alfinete para terminar o trabalho.

“Agora eu entendo!” disse o menino com uma vitalidade repentina. “Vou parar com esta babaquice de revolução e guerra! Vou deixar tudo isto para trás e fugir daqui!” Lágrimas começaram a correr pelo rosto do homem com toda a felicidade que sentia. Talvez ele sentisse que depois de matar tantos filhos, tantos irmãos, tantos compatriotas, ele finalmente tinha salvado um. Talvez ele sentisse que finalmente tinha salvado a si mesmo. Ele virou as costas para achar o alfinete. Quando ele se virou de novo para olhar para o menino, ele congelou imediatamente. O alfinete caiu da sua mão e parou no chão.

Ali estava o menino com o fuzil apontado para a cabeça do homem e o dedo no gatilho.

“Ai, rapaz,” começou o menino com uma voz de repente cínica e escura. “Não duvido que vou deixar esta vida pra trás. Mas te garanto que não vai ser hoje, nem amanhã”, disse o menino com um riso sarcástico.

O homem nem conseguia formar palavras. Ficou chocado e calado, boca seca e mãos tremendo, com uma cara de quem tinha acabado de perder seu último traço de inocência. O homem pausou por um momento, olhou para o céu, e deu um suspiro profundo. Bem devagar, ele enfiou o braço na mochila dele e retirou um pacote.

“Isto aqui é comida que vai durar pelo menos três dias.” Com o barulho dos soldados quase chegando à porta deles, ele continuou com mais pressa. Ele tirou um mapa pequeno do bolso. Ele começou de novo, bem devagar, “este é o caminho para escapar para a floresta. E para escapar... use o meu uniforme, e finja ser um de nós. Entendeu?”

Os dois pararam e se olharam nos olhos.

“E...por que é que você está me ajudando assim?” perguntou o menino, profundamente aturdido.

“Na guerra não existe o porquê, garoto. Existem só as nossas escolhas, e eu escolho você.”

O menino ficou calado.

Quando os soldados ouviram o tiro, eles invadiram o quarto com pressa, mas só descobriram um jovem que tinha se separado do grupo e atirado o fuzil por espanto. Ninguém descobriu o corpo no armário. Todos evacuaram o prédio, e depois daquele dia ninguém mais ouviu daquele menino. Nem um lado, nem o outro.

# À MARGEM DO RIO

Carlos Alonso Torras

Turma de 2014

Foi numa manhã ensolarada que acordei. Abri meus olhos pela primeira vez em dias, mas a intensidade da luz fez-me fechá-los imediatamente. Tentei levantar-me, mas tropecei subitamente. Não estava acostumado a caminhar...tinham passado dias, semanas, talvez até meses. Finalmente consegui pôr os pés no chão e sustentar o peso do meu corpo com as minhas pernas. Pernas fatigadas, agora renascidas. Os meus pés, ainda sujos de lama e sangue, pareciam desfrutar do retorno à vida normal. Já não tinham que correr, que fugir de perigos iminentes. Nesse dia ensolarado, João Katinga - acho que esse era o meu nome - voltou à vida. Sem saber o que esperar, e com escassa memória do que tinha acontecido na minha vida anterior, saí da cabana onde tinha acordado.

Sons estridentes agitaram as ruas de Luanda pela quarta vez nessa semana. Multidões de pessoas corriam pelas ruas em direções diversas. Os gritos de desespero mesclavam-se com o ruído dos furgões militares que invadiam a capital. Para Sebastião, o ambiente de guerra tinha-se convertido numa realidade constante, um inferno do qual não havia saída. Desde a morte de sua mãe, Sebastião tinha desistido de qualquer semelhança a uma vida normal. Vagava pelas ruas da capital, dia após dia, admirando o universo caótico que o envolvia. Ele tinha perdido sua mãe para a guerra, seus irmãos foram vítimas de crimes impensáveis, desaparecidos e esquecidos. No mundo de Sebastião, não existia distinção entre noite e dia, entre sofrimento e satisfação; a única constante em sua vida era a guerra, a destruição e morte trazidas pela guerra.

Balas de revólver raspavam as paredes do refúgio de Sebastião. Entre a desordem e o caos, tinha encontrado uma pequena barraca no centro da cidade. A localização não era segura, mas ajudava-o a achar comida e um ou outro emprego ocasional. Mas com o avanço da guerra, a situação tinha-se tornado bastante pior. Centenas de angolanos fugiam da capital, buscando refúgio em cabanas remotas e em estradas desertas. Sebastião sabia que chegaria o dia em que o cimento das paredes não o protegeria mais, e esse dia era hoje. Foi nessa manhã ensolarada que Sebastião

fugiu dos fantasmas de seu passado e adentrou-se na infinidade dos caminhos angolanos. No labirinto de estradas, encontraria uma vida melhor, qualquer coisa que não fosse o suplício constante da capital.

Ao sair da cabana, sentei-me no umbral deserto que expandia-se em frente. Percebi rapidamente que não estava só. Ao lado de minha cabana, erguiam-se quatro outras, todas elas simples e rudimentares. Por alguma razão desconhecida, achei a vista bastante serena, até relaxante. O povoado estava deserto, mas não parecia destruído. Caminhei entre as casinhas e achei sinais de vidas pacíficas por toda parte, distantes de qualquer conflito e interrompidas somente pelos sons procedentes da savana. Fogueiras recém-utilizadas, roupa seca e limpa, comida abundante... coisas que me surpreendiam sem entender por quê. Como podia ter vivido antes? perguntei-me. Confuso e perplexo, voltei à cabana. Olhei os meus pés. Sujos de sangue e lama, cortados e feridos, não podiam pertencer a alguém que morasse em um lugar como este. Quem é João Katinga?, como é que vim parar neste povoado? De onde veio? Todas estas perguntas passaram pela minha mente dezenas de vezes, aumentando em intensidade como uma panela de água fervente. Cansado, decidi descansar na sombra do umbral, em frente da cabana, até que os habitantes do povoado retornassem às suas casas.

Sebastião caminhou durante dias e dias. Seguiu os milhares de refugiados que abundavam nas estradas, adentrando-se cada vez mais no interior do país. Não fazia ideia de onde terminaria chegando, pois nunca havia saído da capital antes. Para uma criança da cidade, o campo era uma experiência inquietante. Era como se a falta de barulho e de multidão deixasse um vazio no interior do jovem. Entretanto, a falta de guerra era, indiscutivelmente, suficiente razão para esquecer todas as outras preocupações que ele poderia ter. Ocasionalmente passavam patrulhas militares, comboios blindados pertencentes aos insurgentes que dirigiam-se a diferentes cidades. Provavelmente dirigiam-se à capital, pensava Sebastião desde o refúgio dos arbustos e das árvores. Esta nova sensação de segurança lhe satisfazia, talvez pela primeira vez em meses. Sebastião caminhou

dias e mais dias, sempre em direção ao interior. Os povoados começaram a substituir as cidades, os edifícios tornaram-se pequenas barracas e cabanas, o sofrimento estava transformando-se em magia, como se nestes cantos do país estivesse escondida outra civilização – esquecida e distanciada do resto de Angola.

Quando acordei, o sol já tinha se escondido no horizonte. A escuridão tinha coberto o umbral, e escassas luzes provinham das barracas. Os habitantes tinham voltado de suas atividades diurnas. Levantei-me e caminhei até a entrada da barraca, arrumando minhas prendas como se para apresentar uma aparência decente. Entrei na barraca e notei a presença de uma figura de silhueta corcunda e contida, ajoelhada em frente de uma fogueira pequena, lendo algo à luz do fogo. Caminhei uns passos adiante e sussurrei uma introdução, evitando perturbar o ambiente pacífico da casa.

- “Demoraste em acordar, garoto. Pensei que não voltarias a ver a luz do sol”, disse-me o homem, cuja cara enrugada iluminava-se com a luz do fogo, mostrando uma pintura branca que parecia cobrir o seu rosto.

- “Agradeço a sua hospitalidade, senhor. E sinto qualquer incômodo. Não me lembro bem de quem sou, ou de quem era antes de acordar esta manhã...”

- “Miúdo”, interrompeu o homem, “encontrei-te na beira do rio dez dias atrás. Estavas ferido e frágil. Pensava que não sobreviverias. Mas trouxe-te ao meu lar, e ressuscitaste..”

Ao acabar a frase, o homem abriu a mão e moveu as chamas do fogo, controlando seus movimentos pausadamente. Eu me encolhi repentinamente, surpreendido pela magia do feiticeiro. Quem poderia ser este homem, e como tinha me salvado?

- “Devo-lhe a minha vida, senhor. Como posso lhe pagar por devolver-me a vida?”, perguntei-lhe.

- “Miúdo, existe uma maneira de me recompensar. Ao salvar-te, fiz um pacto com os espíritos ancestrais. Se quiseres sobreviver, deves devolver à natureza o que lhe pertence. Anda até a beira do rio onde te encontrei e, na divisa entre nosso mundo e o dos humanos, encontra e mata um garoto de tua idade. Somente então haverá equilíbrio e paz. Só então viverás entre nós e possuirás os poderes dos antepassados desta terra.”

Sebastião acordou em um dia nebuloso. Tinham passado meses desde que tinha partido de Luanda. As paisagens mudaram com a viagem. Havia encontrado terrenos desérticos, selvas frondosas, vales e montanhas. Porém, nos últimos dias encontrava-se num terreno distinto dos demais. Esta savana era plana, imensa, extensa, cheia de ervas altas que dobravam-se unidas quando soprava a brisa noturna. Sebastião não sabia bem onde tinha ido parar, mas havia notado ocorrências inexplicáveis desde que tinha chegado a este lugar. Os dias pareciam mais longos,

pois caminhava mais do que antes durante o dia, mas as feridas nos seus pés descalços sangravam menos. Sentia-se como se estivesse em um tipo de universo paralelo, um lugar de aparência comum, mas de temporalidade distinta.

Ele avançava sem chegar a nenhum lugar, corria e andava sem sentir fome ou sede. As pessoas tinham desaparecido à medida que adentrava neste lugar. Sebastião havia encontrado a utopia que havia procurado durante tanto tempo. Depois de fugir do inferno de Luanda, tinha encontrado o lugar onde o céu encontra a terra. Esta paisagem, e sua falta de ‘civilização’, devolvia-lhe a liberdade e a felicidade que havia perdido com o desaparecimento de seus familiares. Sebastião continuou até chegar a um rio, amplo e extenso. Da margem do rio não conseguia ver o outro lado. Contudo, sentia uma sensação estranha ao observar as águas plácidas e obscuras. Uma névoa misteriosa cobria a superfície, consumindo o panorama com a falta de luz solar. Sob a lua, Sebastião deitou-se na grama fresca à margem, repousando sua cabeça em um monte de musgo. Encontrou o sono contando as estrelas, sem poder imaginar o que encontraria ao acordar.

A viagem até o rio foi agradável e calculada. O feiticeiro tinha me explicado exatamente como chegar ao meu destino, mostrando-me como evitar os obstáculos mágicos que não saberia antecipar. Fiz as oferendas adequadas à cachoeira do lago Nasse, superei as chuvas intermináveis do pântano, e orientei-me ao chegar à savana graças à bússola do bruxo, que não apontava para o norte. Durante o trajeto comecei a lembrar-me de momentos que deveriam ter pertencido à minha vida anterior. Durante as noites sonhava com bombas, metralhadoras e gritos. No começo, as memórias eram instantâneas, imagens transitivas que classificava como efeitos da terra mágica sobre a minha imaginação. Mas a viagem continuava e os sonhos enlargueciam, ganhando clareza e detalhe. Vi muitas vezes a imagem de uma mulher gritando, brigando com um homem forte que a continha enquanto outro homem agarrava a criança que parecia ser sua. A cada noite, o rosto da mulher tornava-se mais detalhado, seu sofrimento mais palpável no deformado pelas lágrimas de choros inconsoláveis. Acordava no meio da noite, coberto de suor. Envolvia-me então uma raiva incontrolável, completamente distinta dos sentimentos que tinha conhecido na aldeia do feiticeiro. Entendi, então, que à medida que me afastava do vilarejo e aproximava-me do mundo humano, consumia-me o espectro do meu passado. Os antepassados paravam de proteger-me, deixando-me vulnerável aos sentimentos humanos. Tornei-me obcecado pela necessidade de encontrar o rio e devolver à natureza o que me tinha sido dado. João Katinga necessitava permanecer no passado, e outro jovem pagaria o preço.

Sebastião acordou no meio da noite, produto de instintos felinos formados por anos e anos de

combate ao perigo iminente. Alguém aproximava-se pela esquerda, devagar e pausadamente, preparado para atacar. Sebastião fingiu estar dormindo, imobilizando seu corpo e desacelerando a sua respiração. Surpreenderia o atacante quando ele menos esperasse. Ele escondeu a faca próxima a si, preparando-a para ser retirada imediatamente. A figura aproximou-se com passos medidos, estudando os arredores com excessiva cautela. Sebastião deu-se conta de que seu inimigo não era nenhum assassino, o comportamento cuidadoso revelava falta de experiência e, o mais importante, falta de instinto predador. Anos de combate em Luanda lhe haviam ensinado como reconhecer este tipo de características. A figura acercou-se, Sebastião ergueu o seu corpo explosivamente, retirou a faca da calça e atravessou o coração de seu irmão.

Ao sentir o sangue escorrer por minha pele, entendi todas as minhas dúvidas. A mulher dos meus sonhos era a minha mãe, e o garoto na minha frente, meu irmão Sebastião. Anos tinham transcorrido desde o dia em que eu fui preso pelos rebeldes, transformado em soldado de guerra. Também haviam levado a minha mãe, e matado o meu pai diante de nós. Meus outros irmãos foram levados à guerra, como eu, mas Sebastião tinha sido escondido pela minha mãe. Caí ajoelhado no chão e o sangue continuou escorrendo do meu peito, como se fosse uma fonte que me roubava a vida gota por gota.

No meu último suspiro, olhei para o outro lado do rio. O velho feiticeiro estava lá, parecendo entender exatamente o que havia acontecido.

- “Agora pertences ao meu mundo, miúdo. No sonho eterno encontrarás a paz.”

# SAUDADE

## No próximo volume: Viagens

PRIMAVERA 2014

O volume publicará um dicionário de viagens dos alunos de português.

## Quer ser publicado em *Saudade* ?

Se quiser publicar seu artigo, envie-o para: [merciaf@sas.upenn.edu](mailto:merciaf@sas.upenn.edu)



